

GT 1 - Teoria política marxista

Luta de classes, fascismo e o governo Bolsonaro na pandemia da Covid-19

Júlia Akamine Hiray¹
Leonardo de Macedo Silva²

Resumo

Parte fundamental do aparato de manutenção do modo de produção capitalista, o Estado é o principal elemento da superestrutura política explicada por Karl Marx, e sua atuação dependerá inevitavelmente da fase do capitalismo que se lida, bem como da presença de crise sistêmica que é própria de tal modo de produção. Uma vez presente a crise e ameaçado o capital, o Estado passa a agir de forma rígida e extrema para a manutenção das relações de exploração. Tal rigidez, em última escala, pode-se denominar fascismo. O governo protagonizado por Jair Bolsonaro, eleito em 2018 no Brasil, possui todos os elementos de caracterização técnico-política do fascismo, de forma especialmente explícita no que tange à pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Luta de classes. Fascismo. Pandemia. Estado.

Introdução

A filosofia política tem especial e justificável interesse pelo estudo do Estado. O aparato estatal é, ainda no século XXI, a principal força de dominação, violenta ou ideológica, existente. Com a chegada do modo de produção capitalista no século XV, e sua fixação e desenvolvimento especial no século XIX com eventos históricos de vitórias da burguesia revolucionária (Revolução Francesa, Inglesa e Industrial), o Estado, tomando nova forma social, passou a ter a função de garantia da reprodução do capital. A saber, no modo de produção capitalista, “o Estado é um

¹ Graduanda em Direito pela Fundação Armando Alvares Penteado. Estagiária do Núcleo de Registro de Estrangeiros (NRE) no Departamento da Polícia Federal- Superintendência Regional SP. Contato: juuhiray@gmail.com

² Graduando em Direito pela Fundação Armando Alvares Penteado. Membro do Grupo de Pesquisa “Crítica do Direito e da Subjetividade Jurídica” vinculado ao Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Universidade de São Paulo – USP. Estagiário do Liguori & Vital Sociedade de Advogados. Contato: leo.silva.57@hotmail.com.

órgão de dominação de classe, um órgão de submissão de uma classe por outra;” (LÊNIN, 1987, p.10).

Não há novidade em tal definição. Como fenômeno histórico, a forma de dominação capitalista é peculiar em relação aos modos de produção anteriores. Afinal, no escravismo ou feudalismo, a violência era exercida de forma direta pelo membro da classe social dominante (senhor de escravo ou senhor feudal), o que não ocorre na dominação oriunda do capital.

“No capitalismo, a apreensão do produto da força de trabalho e dos bens não é mais feita a partir de uma posse bruta ou da violência física. Há uma intermediação universal das mercadorias, garantida não por cada burguês, mas por uma instância apartada de todos eles. O Estado, assim, se revela como um aparato necessário à reprodução capitalista, assegurando a troca das mercadorias e a própria exploração da força de trabalho sob forma assalariada.” (MASCARO, 2015, p.14).

Ademais, o modo de produção capitalista não é sempre o mesmo, visto que possui fases. O primeiro pensador a fazer um recorte epistemológico de fases do capitalismo foi LÊNIN (2003) ao tratar do imperialismo. Todavia, para fins do presente estudo, adota-se a divisão feita por DUMÉNIL e LÉVY (2014, p.20), na qual se estabeleceu que o capitalismo possuiu até o século XXI variadas fases, sempre intermediadas por uma crise sistêmica que faz com que o capital se readapte à nova conjuntura. A terceira década do século XXI é marcada, em especial no continente americano, por um neoliberalismo em grave crise (Ibid., p.341).

Porém, de forma independente da fase do capitalismo que se esteja analisando, há uma tendência que não se pode ignorar: com a chegada de uma crise sistêmica, tal qual de qualquer meio de ameaça ao capital, como a formação de movimentos revolucionários de esquerda, o Estado muda seu *modus operandi*, tornando-se ainda mais rígido, violento e explorador do que de costume.

Tal forma exacerbada de dominação, em última instância, foi encontrada no Estado fascista nascido na Itália, na primeira metade do século XX, liderado por Benito Mussolini. Para mais, a experiência fascista não se encerrou com a derrota do Eixo na Segunda Guerra Mundial, uma vez que, em pleno século XXI, elementos do

fascismo podem ser encontrados nos mais diversos Estados, como no governo húngaro liderado por Viktor Orbán³.

Em suma, a presente pesquisa tem por finalidade analisar o Estado fascista, sua definição, seus requisitos e elementos, bem como estudar a atuação do Governo Federal da República Federativa do Brasil, sob a liderança de Jair Bolsonaro, no combate à pandemia do COVID-19, buscando ligações e paridades.

1 O fascismo como forma extrema de um capitalismo em crise

Do ponto de vista teórico, o fascismo foi analisado por variados pensadores, com conclusões muitas vezes contraditórias (KONDER, 2009, p.23). A razão pela confusão analítica é a seguinte: o objeto de estudo (fascismo) é vazio de conteúdo original, alimentando-se meramente do chauvinismo radical e do negacionismo mais obscuro e reacionário (PACHUKANIS, 2020, p.28). Tal corrente política não possui teoria bem posta porque é contrária à teoria.

“A acentuação da praticidade e do dinamismo, o desprezo pelas doutrinas e pelos princípios é uma linha que perpassa todos os pronunciamentos de Mussolini. Já quando Mussolini sente a necessidade de oferecer alguma fórmula de caráter geral, ele prefere seguir um caminho negativo, definindo o fascismo como ‘a negação de qualquer doutrina socialista e democrática’” (Idem).

Porém, é fundamental para fins de delimitação do objeto de estudo que o fascismo, com todas as suas contradições e lacunas, seja devidamente conceituado. Para tanto, é necessário entender que o fascismo é uma espécie do gênero que é o espectro político da direita (KONDER, op. cit., p.29). Isto posto, utiliza-se seguinte definição:

“(…) o fascismo é uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara ‘modernizadora’, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionais e conciliando-os com procedimentos

³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/actualidad/1555585620_542476.html
Acesso em: 07. Fev 2021.

racionalistas-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário.” (Ibid., p.53).

Assim, o fascismo e, mais especificamente, o Estado fascista surge como resposta extrema à crise do capital. As contradições sistêmicas desse modo de produção, já trabalhadas e expostas por Marx (2011), bem como a ameaça de tomada do poder pela classe trabalhadora, levam o Estado a mudar sua forma de atuação na garantia da exploração de classe.

No capitalismo, mais necessário é o Estado quando mais complexas e inconciliáveis são as contradições de classe da sociedade (LÊNIN, op. cit., p.9). Dessa forma, em meio à crise do capital, o aparato estatal passa a exercer um nível extremo de controle, dominação e exploração em nome da ordem e da pátria (PACHUKANIS, op. cit., p.28). Assim, é por essa razão que a luta de classes exerce um papel fundamental na atuação estatal, inclusive na sua forma fascista.

Por mais que inicialmente o movimento fascista⁴ tenha se apropriado de conceitos e visões de esquerda, engendrando um discurso de ataque à burguesia, o fascismo é a mais extrema manobra de manutenção da extração da mais-valia. Afinal, “em seu desenvolvimento posterior, o movimento fascista abandonou rapidamente – até mesmo no discurso – qualquer ‘hostilidade’ ao capital, assim como à monarquia e à Igreja (...)” (Ibid., p.57).

Analisados os principais pontos teóricos do Estado fascista, passa-se agora ao campo da análise prática. Dessa forma, viu-se na Itália liderada por Benito Mussolini todos os elementos previamente analisados. A crise do capital estava presente, uma vez que o surgimento e ascensão do movimento fascista se deu em meio à revolta pelas consequências da derrota da Tríplice Entente na Primeira Guerra Mundial (BERTONHA, 2008, p.2).

Ademais, a ameaça da revolução socialista também perpassava o contexto social das primeiras décadas do século XX na Itália. Os camisas negras de

⁴ Etimologicamente, o fascismo decorreu no termo “*fascio*”, o qual se define por um feixe de varas utilizado inicialmente por oficiais de justiça em Roma. A posteriori, ao passar dos anos, esse termo foi designado como um marco, originando grupos políticos como *Fasci di Combattimento* e posteriormente *Partito Nazionale Fascista*- liderado por Benito Mussolini-, em que a simbologia do machado envolvido por um feixe visava representar a solidificação, força e unidade do povo italiano.

Mussolini tornaram-se extremamente violentos em contraposição aos grupos revolucionários de esquerda, chamados pelos fascistas de ameaça vermelha⁵. Da mesma forma, tanto o Partido Socialista como o Partido Comunista da Itália tinham forte relevância política. Porém, por divergências de programas, acabaram dividindo-se, o que propiciou o campo ideal para a ascensão do Partido Fascista.

O chauvinismo levado às últimas consequências também é elemento inegável de toda a prática fascista. A inflamação das massas contra o inimigo comum (ameaça comunista) sempre foi feita em nome da criação e manutenção de uma forte nação.

“Na Itália e na Alemanha, países que só realizaram a unificação nacional na segunda metade do século 19, o chauvinismo fascista assumiu tons particularmente históricos e monstruosos; mas a verdade é que o uso do mito da nação como sucedâneo da autêntica comunidade humana pela qual as pessoas anseiam é uma característica essencial do fascismo e se manifesta em todos os movimentos desse tipo, independentemente dos países em que se realizam e independentemente das formas particulares que assumem (...)” (KONDER, op. cit., p.45)

O obscurantismo e o pragmatismo antidoutrinário, tal como os anteriores, eram constantes no Estado liderado por Mussolini. De pronto, o fascismo italiano negou os princípios oriundos da Revolução Francesa de 1789 (PACHUKANIS, op. cit., p.28), pregando assim a restauração dos valores medievais “(...) a genealogia das ideias fascistas é tomada de São Tomás de Aquino, passando por de Joseph-Marie de Maistre e outros ideólogos da restauração, até os críticos do parlamentarismo como Duguit e Ostrogórski” (Ibid., p.27).

Por fim, tem-se talvez o mais claro dos elementos do fascismo: um Estado forte, controlador, interventor e antioperário. Concerne destacar que o Estado fascista italiano tinha por função garantir a reprodução de um capitalismo monopolista que em muito se diferencia do neoliberalismo, prevalecente a partir da década de 1970 e entra em crise em 2008. No modo de produção que marcou a primeira metade do século XX, o Estado e os monopólios garantiam a sobrevivência e reprodução um do outro (KONDER, op. cit., p.).

⁵ Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/enem/2019/04/06/noticia-especial-enem,1044197/fascismo-nazismo-e-socialismo-para-voce-nunca-errar.shtml>. Acesso em: 03. Fev.2021.

“Mussolini, durante os anos de 1920, ainda hesitava quanto aos modos de concretizá-lo, insistindo demais no fato de que o Estado deveria ser politicamente forte, mas deveria esquivar-se a toda e qualquer intervenção na esfera econômica. Mais tarde, o Duce evoluiu no sentido de aceitar a intervenção do Estado na esfera econômica” (Ibid., p.51).

Dessa forma, o fascismo é a forma extrema e mais violenta de um capitalismo em crise. Vê-se, portanto, que não há qualquer obstáculo para que tal tendência volte a se manifestar, desde que levadas em conta as diferenças entre as fases do modo de produção capitalista com que se lida. Regimes ditatoriais como os liderados por Salazar e Franco (Ibid., p.131), que se consolidaram após o fim da Segunda Guerra Mundial, possuíam fortes elementos fascistas, mas com diferenças oriundas da mudança que o capital estava sofrendo no pós-guerra (Ibid., p.130)

2 O fascismo e o governo Bolsonaro na pandemia da Covid-19

Eleito em 2018 como símbolo maior de um projeto de rompimento com a social-democracia brasileira iniciado em 2013, Jair Messias Bolsonaro, mesmo muitas vezes se valendo do populismo de direita, representa um projeto de poder de uma burguesia cansada de fazer concessões.

Os governos liderados por políticos do Partido dos Trabalhadores, iniciados com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002 e terminado com a deposição de Dilma Rousseff em 2016, ficaram marcados por um período de bonança econômica (CURADO, 2011, p.02). Dessa forma, os lucros recordes do setor bancário, entre outros setores da economia nacional foram tamanhos que viabilizaram políticas de cunho social no Brasil, como o Bolsa Família, o PROUNI e o FIES.

Porém, a crise econômica global iniciada em 2008 apenas se fez valer de forma total em território brasileiro a partir do final do primeiro mandato de Rousseff, em 2013. A partir daí o aumento da inflação⁶, a queda vertiginosa no valor das

⁶ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/08/economia/1452253515_364203.html. Acesso em 02. Fev.2021.

commodities⁷, o crescimento da taxa do desemprego⁸ criaram as bases para o fim das concessões de classe e o início de uma radicalização da burguesia, da qual Bolsonaro é o maior expoente.

Assim, de rigor analisar a presença dos supramencionados elementos do fascismo na forma de atuação de Bolsonaro no Governo Federal, com atenção especial às políticas públicas (ou a falta delas) em relação ao principal desafio de seu governo: a pandemia do COVID-19.

Preliminarmente, como explicado, a chegada ao poder de Bolsonaro passa inevitavelmente pela presença de uma crise sistêmica global do neoliberalismo que se fixou a partir de 1970, iniciada em 2008. Foi a partir da crise que classe burguesa passou a potencializar suas relações de exploração para tornar viável a manutenção do capital. Tem-se como exemplo disso a atuação do próprio Estado brasileiro, que retirou direitos da classe proletária por meio da Reforma Trabalhista⁹ e Previdenciária¹⁰, bem como busca fazer o mesmo com o Sistema Tributário Nacional¹¹.

Pois bem, a ameaça da esquerda também estava presente, mesmo que sem a consistência técnica de outrora, como por exemplo por Luiz Carlos Prestes durante a ditadura do Estado Novo por Getúlio Vargas¹² e Carlos Marighella no decurso da ditadura civil-militar em 1964¹³. Necessitados da criação de um inimigo comum, o bolsonarismo passou a taxar seus adversários do PT de comunistas, agitando as massas a ver que a predominância do mencionado no partido político

⁷ Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2015/12/08/nova-queda-nos-precos-das-commodities-derruba-bolsas-e-pressiona-dolar.ghml>. Acesso em 03. Fev.2021.

⁸ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2016/11/29/desemprego-e-de-118-e-atinge-12-milhoes-de-trabalhadores-diz-ibge.htm>. Acesso em: 03. Fev.2021.

⁹ Lei nº13.467.2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13467.htm. Acesso em 01. Fev.2021.

¹⁰ Emenda Constitucional nº103-2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm. Acesso em 01. Fev.2021.

¹¹ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/fiquePorDentro/temas/sistema-tributario-nacional-jun-2019/reforma-tributaria-comparativo-das-pecs-em-tramitacao-2019> Acesso em 07 Fev. 2021.

¹² Disponível em: <http://querepublicaessa.an.gov.br/temas/110-governo-vargas-movimentos-de-oposicao-de-esquerda.html>. Acesso em 09 fev. 2021.

¹³ MAGALHÃES, Mario. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. Ed. Companhia das Letras. 8º reimpressão. São Paulo, 2012, p.406.

levaria o Brasil ao socialismo venezuelano¹⁴. Acentuou-se assim uma profunda divisão política entre direita e esquerda, mesmo o PT estando muito mais próximo do centro do que a direita liderada por Bolsonaro e não sendo, sob nenhuma hipótese, um partido comunista.

Da mesma forma, o obscurantismo e a negação do conhecimento científico também são marcas do governo eleito em 2018. O Presidente da República, sem qualquer garantia da funcionalidade do tratamento, investiu em torno de noventa milhões de reais na compra e distribuição de cloroquina¹⁵. Variadas pesquisas internacionais atestaram a ineficácia do uso da substância para casos de COVID-19¹⁶.

No que tange à vacina para a mesma pandemia, o chefe do Poder Executivo regularmente questiona a eficácia já provada, bem como insistentemente recomenda que a vacinação seja facultativa¹⁷. Por fim, membros do governo, em sua maioria indicados por Olavo de Carvalho, defendem que o planeta no qual vivemos é plano¹⁸.

Em seguida, a presença de fortes elementos chauvinistas na política bolsonarista não é de difícil aferição. Porém, é fundamental ater-se ao seguinte: o movimento político liderado por Bolsonaro, como dito, é consequência de uma crise do neoliberalismo, que em muito se diferencia do capitalismo monopolista no qual Mussolini foi forjado politicamente. Assim, o chauvinismo de Bolsonaro é também diferente, pois se concentra no discurso, e não na materialidade.

Logo, o Presidente da República exalta a nação frequentemente em seus pronunciamentos, inclusive em seu slogan de campanha (Brasil acima de tudo, Deus acima de todos) e no frequente uso das cores da bandeira nacional para simbolizar

¹⁴ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/07/interna_politica,852372/brasil-nao-pode-virar-uma-venezuela-dizem-bolsonaro-e-guedes-a-toff.shtml. Acesso em 01. Fev.2021.

¹⁵ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/10/24/interna_politica,1197790/bolsonaro-a-franceses-em-brasilia-brasil-cloroquina-tem-100-cura.shtml. Acesso em 01. Fev.2021.

¹⁶ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/covid-19-britanicos-encerram-testes-e-apontam-hidroxiclороquina-como-inutil>. Acesso em 02. Fev.2021.

¹⁷ <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/09/02/vacinacao-nao-e-obrigatoria-entenda-por-que-fala-do-presidente-e-perigosa.htm>. Acesso em: 02. Fev.2021.

¹⁸ <https://www.agazeta.com.br/editorial/nomeacoes-de-bolsonaro-na-cultura-sao-terraplanistas-1219>. Acesso em: 02. Fev.2021.

sua vertente política. No entanto, não ocorre como outrora a valorização do patrimônio público nacional. O neoliberalismo, como uma das fases mais violentas e ideológicas do modo de produção capitalista (DUMENÍL, LEVY, op. cit., p.153) se faz valer das numerosas privatizações e do entreguismo do patrimônio público ao capital estrangeiro, principalmente de ordem financeira (Ibid., p.51).

Pode-se dizer, então, que o Estado liderado por Bolsonaro é, bem como qualquer Estado fascista, forte, controlador, antioperário e respaldado em valores medievais. Porém, pela mencionada diferença entre o fascismo proveniente do capitalismo monopolista e o mesmo fenômeno quando proveniente do neoliberalismo, o aparelhamento estatal feito por Bolsonaro tem núcleos específicos, isto é, não é abstrato. O primeiro núcleo é ideológico. O chefe do Poder Executivo aparelhou fortemente os âmbitos da cultura¹⁹, da educação²⁰, da propaganda²¹, utilizando-se inclusive de censuras²². Já o segundo núcleo é violento. Houve o aparelhamento das polícias, das Forças Armadas e o enrijecimento das normas penais²³ para um ataque ainda mais extremo aos mais pobres, alvos quase que exclusivos do sistema jurídico-penal brasileiro.

Não há, portanto, elemento estrutural do fascismo que não esteja presente no governo liderado por Jair Bolsonaro, em pleno século XXI, no Brasil.

3 Conclusão

O fascismo, como previamente conceituado, é um movimento político extremo de proteção ao capitalismo. Portanto, não é um fenômeno exclusivo do século XX e nem deixou de existir com a derrota de Benito Mussolini e Adolf Hitler na

¹⁹ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/blogsecolunas/editorial/2020/05/24/editorial-cultura-aparelhada.html>. Acesso em 30. Jan.2021.

²⁰ Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/20/politica/1558374880_757085.html. Acesso em: 30. Jan.2021.

²¹ Disponível em: <https://economia.ig.com.br/2020-07-05/governo-bolsonaro-quer-dobrar-verba-em-propaganda-para-melhorar-imagem.html>. Acesso em: 01. Jan.2021.

²² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/01/14/marighella-nao-e-caso-isolado-cultura-esta-sob-censura-diz-wagner-moura.htm>. Acesso em: 01. Jan.2021.

²³ Lei nº13.964-2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/Lei/L13964.htm. Acesso em: 03. Jan.2021.

Segunda Guerra Mundial. Entende-se então que enquanto houver capitalismo, o estudo do fascismo se impõe.

A utilização atécnica do termo, pelo campo progressista ou de esquerda, por mais que bem intencionado, pode gerar a longo prazo a perda de vista do que é, de fato, o fascismo e quais as consequências de sua implementação.

Com as graves condições de desigualdade social que o mundo tomado pelo modo de produção capitalista apresenta, as crises sistêmicas tendem a se tornar cada vez mais frequentes, o que torna ainda mais propício o retorno da ideologia fascista e de seus elementos de Estado.

Bolsonaro é símbolo disso. Seu governo, bem como suas políticas de ataque à classe trabalhadora e ao conhecimento técnico e doutrinário, seu chauvinismo retórico, bem como seu controle forte e violento a qualquer tipo de oposição mostram que o povo brasileiro vive sim, sob um governo fascista. Até o momento, o Presidente da República não conseguiu apoio político suficiente para medidas ainda mais extremas que o aproximariam de Mussolini e caracterizariam uma ditadura fascista. A diferença, porém, é apenas de conjuntura e oportunidade.

O combate ao fascismo representado por Bolsonaro também há de ser diferente daquele ocorrido na Itália e na Alemanha. Em um momento de enrijecimento do capitalismo é necessário ter clareza técnica, trabalho de base, consciência de classe e, mais do que nunca, coragem para que, oportunamente, o fascismo, bem como aquilo que lhe dá origem, sejam deixados definitivamente para trás.

REFERÊNCIAS:

BERTONHA, João Fábio. **Coerção, consenso e resistência num Estado autoritário: o caso da Itália fascista**. Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Maringá. 2008.

CURADO, Marcelo. **Uma avaliação da economia no governo Lula**. Universidade Federal do Paraná. 2011.

DUMENÍL, LEVY. **A crise do neoliberalismo**. 1º edição. Ed. Boitempo, 2014.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. 2º edição. Ed. Expressão Popular. 2009.

LÊNIN, Vladimir Ulianov. **O Estado e a revolução**. Ed. Hucitec, 1987.

MAGALHÃES, Mário **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo** – 1ªed- São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. Ed. Boitempo. 2013.

MARX, Karl. **O Capital. Livro I**. 2º edição. Ed. Boitempo. 2011.

PACHUKANIS, Evguiéni. **Fascismo**. Ed. Boitempo. 2020.